



Eu tenho para mim e sei bem que não sou eu só d'esta opinião, que se alguma cousa ha no mundo, bella e digna de vêr-se é uma mulher bonita!

Chego até ao radicalismo de confessar, francamente, que para mim nada ha bello no mundo sem a mulher.

Pôdem gabarme as bellezas d'uma paisagem, os meandros umbrosos que sombreiam o rio prateado, a magestade altiva d'uns cerros gigantes projectando-se na vastidão do azul, um poente no mar, a solidão d'uma floresta cheia de murmurios d'aguas e de attrictos de folhagens lentamente agitadas, eu confessarei que tudo isso é bello, não por si, banal e inanimado, incoiscente e bruto, mas porque pode completar-se.

Na paisagem eu collocarei debaixo da carvalheira anosa uma mulher deitada; no rio fal-a-hei reclinar na prôa do bo-

te ligeiro e silencioso como um cysne; junto ao mar, colloca-l-a-hei de pé na riba, o véu bambeando ao vento, o olhar no espaço, ou sental a-hei na praia, languidamente, absorvida na franja espumosa da vaga que se turge, rola e muge espraian-do-se-lhe aos pés!

Os pintores não a dispensam nos seus quadros do natural, tanto elles sentem que banil a de lá, é expôr á contemplação do nosso olhar, um cadaver mais ou menos bello, mas um cadaver.

E' banal repetir que nós vemos o mndo exterior conforme o estado intimo do nosso espirito. São alegres os dias se estamos alegres, tristes se estamos tristes. E' que a imaginação empresta aos sentimentos o pó dourado com que polvilhem ainda as maiores tristezas, como arranca ás felicidades a epiderme que esconde as miçgas.



E' ella que vai collôcar, inconscientemente, para nós o vulto d'uma mulher, no meio da charneca extensa, no peneiro negro da encosta, ou na alameda areenta e zebrada da floresta.

E então nós dizemos de rijo: que bella charneca! e para nós:—para correr uma lebre, no lazão, ao lado d'ella! Que encantadora floresta! e baixo, intimamente:— para passeiar, ao anoitecer, sentindo-lhe o pezo no braço... o pezo d'ella!

E assim tudo o que nos agrada, o que nos encanta haure d'esse occulto phenomeno o poder da attracção. Um francez o disse, que me não lembra qual; mas os francezes n'este assumpto são entendidos: *il y a de la femme dans tout ce qui plait.*

Era dos meus, em philosophia, este auctôr.



Mas entenda-se que é da mulher formosa que se trata; porque se collocar-mos uma carcassa em qualquer d'estes pontos, estragamos todo o agrado, belleza e paisagem. Vae tudo pela agua abaixo.

Oh! uma mulher feia!

Deus conserva-as por dois motivos: para provar a nossa paciencia e para mostrar a grandeza do seu poder, no bom e no máu.

Ha homens que, n'este ponto, rivalisam com Deus: elle fel-as, elle aturam n'as. Homens para quem a Torre Espada seria um ri liculo galardão.

Homens d'um valôr, de uma lealdade e de um merito que só posto em bronze! Mas ha.



Em Lisboa então dá-se um caso muito curioso. Ha dias em que, durante a hora do passeio e das compras, hora em que, como todos sabem, as nossas mulheres expõem ao ar dos arruamentos todos os dotes naturaes e artificiaes com que Deus as dotou, dizia eu, ha dias em que não se logra vêr uma mulher bonita. N'outros dias, acontece justamente o contrario, as feias desaparecem e é um regalo passear os olhos pelos olhos das transeuntes.



Porque será? Os novos não o sabem, os velhos que tenho consultado não o explicam. Todavia dá-se um caso singular: ha um homem que costuma passear na rua do Ouro, com um colete de grandes quadrados. Dia em que esse sujeito appareça a derreter se para as janellas ou a espreitar as lojas de modas é dia de desastre: todas as mulheres que passam já se sabe que ou são vesgas, ou amarellas, ou donas de grandes buços, ou manquejam, ou são d'uma pintura escandalosa que lembra aguarellas de curioso provinciano suspensas na parede caiada, do barbeiro da terra.

Não apparece o sujeito e o quadro muda completamente. Na falta de melhor razão eu digo que é do colete.

Tudo isto afinal para fallar do convite que Portugal recebeu para mandar a Paris mulheres ao concurso da fealdade.

Mas é que realmente é um cumulo.

Que a formosura seja premiada, como se premeia um bom cavallo de puro sangue inglez, comprehende-se: vai n'isso, segundo dizem, o interesse do apuramento das raças; mas que a mulher do meu visinho lá porque tem um bigode de sargento e uma pera toda bem plantada á marujo, possa ser gratificada porque, concebida talvez no entrudo a mãe houve por bem substituir-lhe a cara por uma caraça, parece-me aberração condemnavel, insulto inadmissivel á plastica e á esthetica.

Todavia o convite que veio é porque o concurso se faz, e com premios estabelecidos.

Ficam pois avisadas todas as caranthonas femininas portuguezas de norte a sul e provincias ultramarinas, de que podem ainda ser celebres como caricaturas da graça e da belleza. E' uma compensação; mas o que eu ia jurar, aposto até, é que não vae nenhuma!

Pois ha ahí alguma mulher que se julgue feia? Eu não conheço.





Entre os vencidos da vida tem logar numeroté o sr. Ramalho Ortigão:

Porque é o mais grosso;

Porque falla grosso;

Porque escarra grosso;

Porque pensa grosso.

Ahi á volta de meio seculo da sua idade lidou por afinar; desafinou. Por tal motivo, afinou.

Desde então considera-se vencido. Falta de afinação. Estragos na palheta.

Vinga-se augmentando as solas nas palhetas. *Tranchons le mot!*



Os exemplos veem do alto.

Desde que o principe Rodolpho deliberou matar-se, juntamente com a amante, na casa de campo de Meesling, não ha amantes infelizes que nao procurem na morte a solução do problema de Sakspeare! Senhar, dormir!...

As raças frias do norte estão-nos dando lições de exaltação amorosa.

O allemão Kaercher ama a menina Elvira, sente-se abandonado e como segundo Dumas, ella lhe não queria pertencer, nem pela bondade, nem pelo amor, nem pela razão, nem pelo dever,—*tue-la*.—atira-lhe um tiro de dentro d'um trem de praça e mette conscienciosamente uma balla no cerebro.

A bala enviada porém, apenas roçou pela face da rapariga como um quente beijo da ultima despedida e o pobre Papaz dorme a esta hora, talvez, o ultimo somno, nos braços da ultima amante, sempre boa e sempre fiel—a morte!

Não chorem.

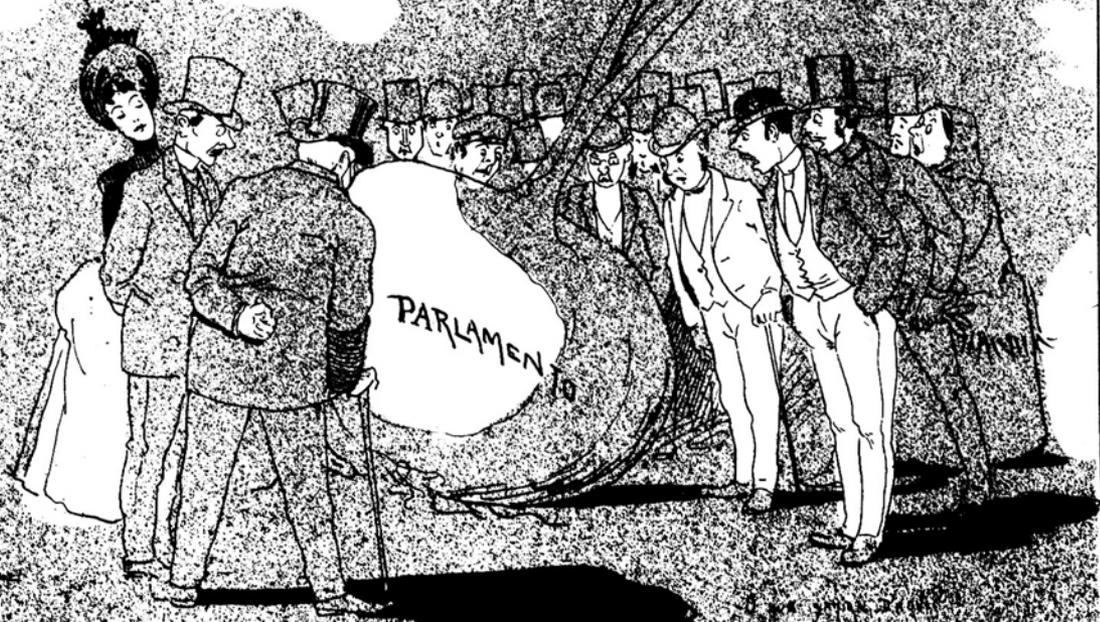
Reabertura do Parlamento



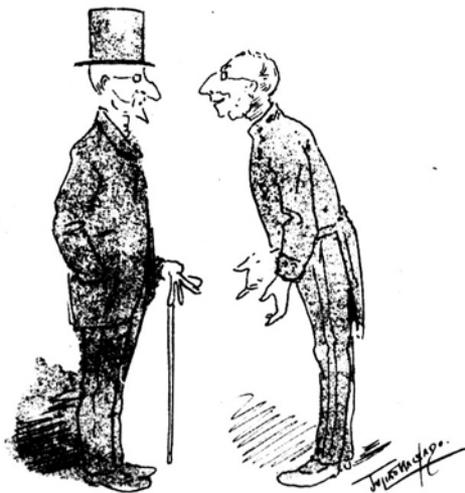
- Sr. Presidente, PEÇO A PAZ!

A Cebola

Myster, rosa







— Por ordem de Sua Ex.^a o sr. chefe do conselho previno V. Ex.^a de que tem de pagar todas as carteiras que quebrar.



O poeta tres estrelinhas desembucha por esta forma no beneficio de Pepa :

Mal transpõe a scena
Destemido toureiro,
Os jockey altaneiro,
Um nada uma chimera...
E's um rouxinol suave
A suspirar amores;
Desfaz-te em flôres
Viçosa — Primavera.

Pobre rapaz! Está a gente a vel-o, á mesa, a repuchar o talento, com o dictionario de rimas ao lado e a imagem da Pepa a bailar-lhe diante das meninas dos olhos.

Corre-lhe do canto dos labios um fiosinho de baba que vae impregnar o papel do cigarro breguiro, nervosamente chupado, na força da inspiração.

E que imaginação! — Elle vê-a—destemido toureiro—um nada—uma chimera!

Pobre baboso! a que te arrasta a força da asneira e a força da rima!

Depois o allucinado ergue-se aos sublimes raptos, passa de amecha a pindarico e exclama, rematando :

.....
E nós guardando ávidos
As notas suspirosas
Mandamol-as em rosas
Para te depôr aos pés.

Fazendo-lhe o favôr de traduzir este bocado rimado do volapuk,—será volapuk?—que riqueza de imagens se encontra.

—Notas suspirosas! Eis o que afina! solta um toureiro destemido, uma nada, uma chimera.

E' onde pôde chegar a phantasia: a chimera e o nada a cantar! Já se percebe d'onde Deustirou o mundo:—foi d'uma cantiga.

Onde porém o poeta é verdadeiramente nebuloso, ossianico, é no fecho em que guarda ávido as taes notas, atirando-lh'as aos pés, transformadas em rosas.

Então guarda-as ou atira-as? Elle sabe lá, coitado! Quando um homem chega a ser a Rainha Santa d'umas notas suspirosas, está a pedir um capacete de gélo sobre a caixa dos miolhos dessorados.

Um homem que enlouquece assim por uma chimera que canta, é capaz de amar loucamente um char-á-banc que soluça, nas calhas dos americanos.

Oh! a poesia! a Musa! os tres estrelinhas!
Safá.

O Typho
(Conclusão)
(Continuação)

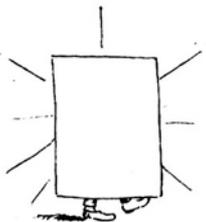
E bradou a nova companhia do gaz, de cima do gazometro: vinde ó febre typhoide, e dizimai esta ruim cidade. cujos peccados nemo canarim Lourenço é já capaz de dosear, e cujas iniquidades o Senhor Deus Fernando Palha manda-lhe sejam descontadas.

Vinde e multiplicai por esta ruim cidade os seus tormentos e as suas dôres, porque ella se elevou na sua soberba e se engolhou nas suas delicias. E n'esse mesmo dia ella haverá que soffrer todas as pragas: a morte, o pranto, os vencidos da vida, e o Turf-Club—porque eu sou o Todo Poderoso, e em minha magnificencia a condemnei.

E todos os meus municipios cubriro de pó as suas cabeças, e darão gritos, misturados de lagrimas, e de soluços, dizendo —Senhor Deus, que nos abandonastes! Não se ouvirá mais em ti, nem a voz dos que tocaram cythara, nem a dos musicos, nem uma que cantava a *Madame Favart* no theatro da Avenida, nem as dos que se atreveram a mofar da Vossa Omnipotencia.

E ouvi mais, como o estrondo d'uma grande multidão, como o ruido de grandes aguas, e o estampido dos trovões, que diziam — Que desgraça! Que desgraça! O Senhor Deus deu a febre typhoide á sua cidade. Os bairros apodrecem, a morte exulta. Mau passatempo! Antès elle, na magnificencia do seu throno, se entretivesse a roer nas gramineas do seu apellido, como fazem em geral as bestas—do Apocalypse. Por todos os seculos dos seculos...

(APOCALYPSE DE S. JOÃO, CAP. XIX.)



Vencidos da vida

Os *vencidos da vida* devem ser parentes proximos dos *m-separaveis na morte*.

Estes, segundo o contracto de Antonio e Cleopatra, banquetevam-se em qualquer hotel Bragança do Egypto, com a condição de morrerem juntos, quando se lhes dissipasse o seu ideal luminoso.

Os modernos, á falta de Cleopatras e de triumviratos, chegaram a ganhar tédio á vida, segundo elles affirmam, a qual os venceu, sem que se desse pelo rumor do combate; e vão curtir magoas e desalentos com varios decilitros de Colares.

Não se apunhalam como Antonio, saudando o escravo Éros, nem mesmo consta que deem gorgeta ao creado de mesa; mas fingem lobrigar no horisonte, por entre as cortinas de reps o vulto formidoloso de um novo Octavio constitucional.

Quando, se tal succedesse, o hypothetico Octavio empalmasse as ultimas miçalhas de tantas crenças perdidas, não diremos d'estes *inseparaveis na morte*, mas d'estes *pintos mortos na casca*, o certo é que só poderia ostentar na sua estatua de triumpho, em vez de Cleopatra com uma serpente no braço, qualquer patusquinho dos *onze* com uma eiroz grelhada no prato.



CONCERTO MUSICAL

Amanhã, domingo, realisa-se um grande concerto vocal e instrumental, no salão da «Real Academia de Musica», promovido pelo sr. Tito Pagani, ponto do theatro de S. Carlos. Tomam parte n'esta festa musical alguns dos principaes artistas do nosso theatro lyrico, e os distinctos amadores D. José d'Almeida e D. Francisco de Sousa Coutinho.

O concerto começa á 1 hora da tarde e cada entrada custa 1.000 réis.



Perfis de alguns senhores deputados, depois dos sessenta dias de jejum.



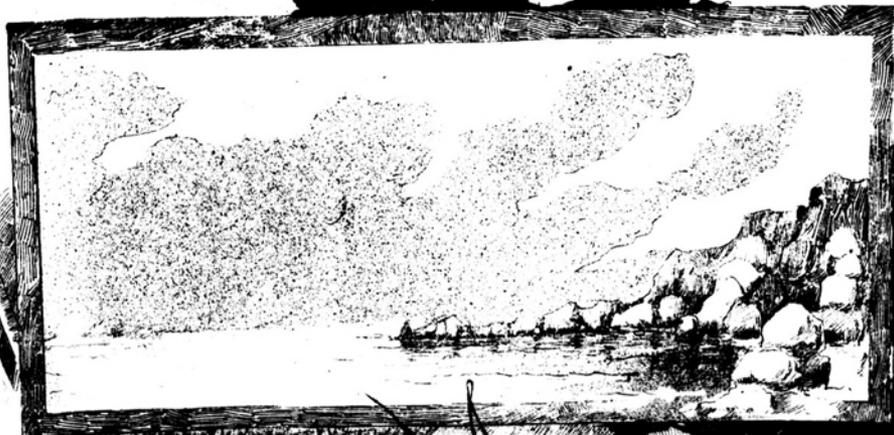
O Mar. — Um delicado poemeto de João Saraiva recitado pelo actor Brazão, no theatro de D. Maria II.

Agradecemos ao distincto poeta a graciosa offerta.



O Tam-tam. — A redacção d'este engraçado semanario, humoristico, do Porto, brindou-nos com a collêção do seu jornal. Agradecemos a remessa como as palavras lisongeiras que nos dispensa.

A *Illustração*—Esta excellento revista artistica-litteraria continúa a visitar-nos com a sua costumada regularidade. Distribuiu-se agora o n.º 6, —6.º anno, vol. 6.º—que vem palpitante de actualidade e de interesse, tanto na parte litteraria como na artistica. A *Illustração* contém 16 paginas nitidamente impressas em optimo papel, e custa avulso 100 réis cada numero. Assigna-se e vende-se na antiga casa Corazzi — rua da Atalaya, 42.



(Excerpto)

A' noite, pela praia, uma criança chora!
 Traz no corpiño sujo uma camisa em tiras...
 Tem nos cabellos o ouro e tem na bocca a aurora!
 E aquelles olhos vão pelo oceano fóra
 Como a luz do luar e o brilho das saphiras...

-- «Que dolorido olhar e que tristeza a tua!
 Não chores! a innocencia ignora o que é soffrer...
 Andavas ainda agora alegre pela rua
 E já triste, a chorar, n'uma noite de lua!
 Tu não podes chorar uns olhos de mulher!

A tua alma infantil não conhece o que é triste!
 Tu choras, porque vês os astros a chorar...
 Fita-me bem, creança! e dize se já viste
 Á tua frente a Dôr como uma 'lança em riste...
 Tu não podes chorar as ausencias do lar!

Tu devias sorrir ás ondas de esmeralda,
 Tu devias cantar sob a lua marmórea!
 É uma dividiçõ o pranto e só a morte a salda...
 Tu não sabes que o pranto é um allivio que escalda!
 Tu não podes chorar os sorrisos da gloria!

Como a innocencia é bella e o oceano profundo!
 É um oceano a vida e tu nem mesmo a sondas...
 Ah, coração felis que não conhece o mundo!
 O teu olhar reluz por esse mar sem fundo
 E o teu olhar, criança, o que busca nas ondas?

Tu viste certamente uma perola enorme,
 Uma estrella, talvez, que risca o azul e cae...
 Como és ambicioso e como o oceano dorme!
 Não procures e dôr antes que a alma se forme...
 Mas a criança responde: — Eu procuro o meu pae!

JOÃO SARAIYA





Como corresse, nos papeis, que o governo de Portugal executava com demasiado rigôr a velha maxima — do pão do nosso compadre, grande fatia ao afilhado — e como se entendesse que um paiz e os seus competentes dinheiros, não podiam estar assim á mercê dos ditados, ainda que elles representem uma grande dose de sabedoria critica das nações, levantaram-se protestos!

Isto é o paiz dos protestos. Dos protestos e dos pretextos! Dos primeiros ninguem faz caso, dos ultimos todos se servem.

Mas, levantaram-se protestos. Os periodicos geram raios, doestos, recriminações, frases amargas, ameaças de futuros castigos.

O paiz já muito massado d'estes accessos periodicos de patriotismo pyrothecnico, sorria bonancheironamente, sceptico, descrente.



Havia até quem dissesse que não. Que das fatias distribuidas, o governo para não fugir á tradição do zêlo com que administra os dinheiros, até eliminara a manteiga.

Ora, realmente não se podia ser mais economico desde que se sabe que para as torradas é indispensavel a manteiga, até nas cantigas populares.

N'isto se entretinham as discussões gregas e troianas quando, de subito, rebenta, em plena lição, uma carta fatal.



Fatal para os homens da situação; para os contrarios, uma carta impagavel, como a *carta adorada da Grã-Duqueza*, de Gerolestein.

Essa carta trazia o recibo da despeza e era assignada por um dos empregados do café onde se realisara o *five o'clock tea* secreto.

A' duvida succedeu o pasmo! Esmiçada a coisa viu-se que o governo dera as fatias, em harmonia com a maxima, gordas e largas e por cima café e canella.

Agora vereis cada jornal contrario acceso em iras, relampejante, como a espada do anjo de Milton, pondo os nossos avós fóra do faval do paraizo!

Agora assistireis ás mais solemnes catilinarias, ás mais graves ameaças de justas e fecundas vinganças!

Que se abram as côrtes, que o templo das leis se descerre, que possa ouvir-se a voz dos delegados, a voz da razão, a voz da justiça.

Conticuere omnes!

E n'esse dia tão ansiosamente esperado, rangeram os cancellos de ferro que José Estevam aponta aos municipaes e ás amas que lhe rôlam no sopé, e o theatro nacional, comparsaria a postos, papeis decorados, scenario velho e gasto abriu para a nova epocha.

As galerias enchem-se; o paiz espera a voz das grandes indignações, o troar activo das vozes engrossadas pelas coleiras supremas, o castigo publico, tormentoso dos criminosos, a grande lição, o grande exemplo.

Um dos maiores vultos da opposição levanta-se, tosse castamente, relanceia o olhar meigo, ageita a quinzeira e, dôce, amoravel, erguendo os olhos até á altura da meza presidencial, começa a recitar:

Vae alta a lua na mansão da morte!



Pobre paiz ingénuo!

E afinal de contas para que serve estar a gente a dar-se ares de espantada, com coisas que estão á acontecer todos os dias?

Ha ainda no paiz quem tenha a ingenuidade de acreditar que ha opposição. Desengane-se esse alguém. No paiz, ha apenas uma grande opposição, decidida e valiosa; essa é realmente séria e positiva: é a opposição *systematica*, em politica, a tudo quanto seja honrado e honesto. N'esta falange é que não ha distincções politicas, nem reluctancias partidarias, são todos por um e um por todos.

Que admira pois que no grande salsifré da patria, se ouça como commentario ás mais graves questões sociaes:

Vae alta a lua na mansão da morte?

E' o hymno da casa; um hymno que tem alguma coisa de marcha funebre de Chopin e de grotesco do Pírolito.

EDUARDO BRAZÃO



Faz hoje, sabbado, o seu beneficio no theatro de D. Maria II, com o drama, em verso, em cinco actos, do sr. Lopes de Mendonça — a *Estatua*.

De mais largo espaço exigiria a biographia do illustre actôr. Não é nosso intuito fazel-a. A homenagem prestada pela *Comedia Portugueza* a Eduardo Brazão significa apenas o alto valôr em que tem o seu grande talento, absolutamente reconhecido e confessado. Elle é incontestavelmente o mais brilhante dos nossos actores o de mais alma. Confessar-lhe o primeiro logar na scena portugueza é ser, apenas, justo.

Perante esta verdade, se é banal endereçar cumprimentos, é de justiça agradecer a honra que nos fez permitindo-nos collocar o seu retrato, na galeria do nosso jornal, onde recebemos de braços abertos, com o maior empenho, todos os nossos grandes artistas. Um bravo!

Conferiu o Papa ao reverendo dr. José Gonçalves d'Aguiar o titulo de Monsenhor,—camareiro dos do numero com *habito côr de púrpura*, pelo seu *Tractado da Penitencia*.

Delicioso espirito o d'este padre, que no ultimo quartel do seculo, se perde ainda, ingenuamente, nos labirintos theologicos, dos peccados e dos castigos! Que feliz deve ter sido este homem, para desconhecer, tão francamente, que desde o dia em que abrimos os olhos á luz, começamos a caminhar na larga estrada d'uma penitencia sem fim, ingloria e injustificada.

Como a sôpa, a vacca e o arroz lhe deve ter corrido plácido entre as séstas e as cabeçadas no breviario, para vir falar da penitencia á nossa misera escravidão organica!



A penitencia, padre! em que mundo viveis, meu bom amigo? Ide aos bairros pobres da cidade, onde o trabalho de um dia chega apenas para alimentar, a não morrer de fome; onde a miseria engorda, onde o espirito não tem luz e os corpos não tem fato; onde a chaminé não tem lume, o soffrimento limite, e dizei-me que bem deve quadrar perante o sudario de tanta desgraça a auctoridade zelosa da vossa voz, recomendando a penitencia!

Não seria melhor, Monsenhor, não epigrammatizar as pelas curtidas dos miserveis, com o chorume penitente das vossas banhas remançosas?

Sua Santidade, continuando a dispensar-nos os obsequios do seu paternal amor, depois de nos vestir de lucto as colonias, começa a vestir-nos de roxo os padres.

Tem o sestro de alfaiate este vigario: ao menos que elle opine sempre pela ultima graça, tanto mais que ella parece ter despertado entre nós uma idéa, a resolver.

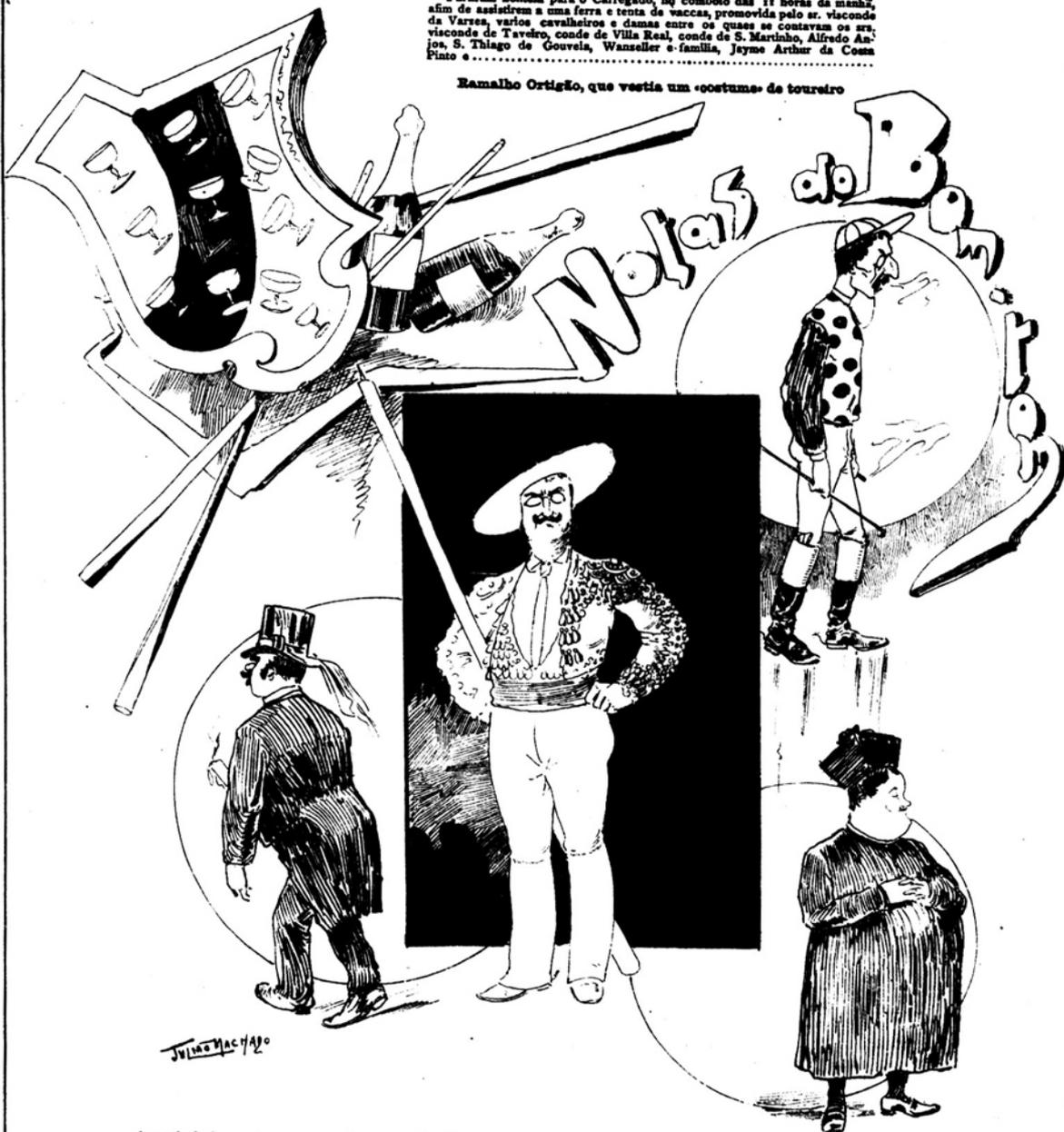
Vem a ser: se é infallivel que se devam vestir de roxo os ministros do Senhor que escrevem *tractados de Penitencia*, de que côr deve ser o habito dos ministros seculares que hãjam de soffrer a *penitencia dos tractados*?

Deixo a solução ao parlamento por me parecer oppurtuna.

Lê-se no *Diário Ilustrado* de 8 do corrente:

Fardam bontas para o Carrgado, no combato das 11 horas da manhã, afim de assistirem a uma ferra e tenta de vacas, promovida pelo sr. visconde da Varzea, varios cavalheiros e damas entre os quaes se costavam os ara, visconde de Tavêro, conde de Villa Real, conde de S. Marinho, Alfredo Anjos, S. Thiago de Gouveia, Wanseller e familia, Jayme Arthur da Costa Pinto e

Ramalho Ortigão, que vestia um «costume» de toureiro



A sociedade portugueza está ameaçada d'uma profunda transformação, mercê dos onze paladinos do Braganza. Entre as notas vivas e alegres com que nos tem deliciado, nos ultimos tempos da sua existencia, cheia d'uma distincção, refinada, verdadeiramente afastada dos tramites vulgares de peonagem victoriosa, destaca-se a da manei-a gentil porque acabam de revolucionar os costumes, depois de invertem a grammatica.

Assim é da pragmatica, hoje, entre as pessoas de bom tom, que perfumam de verbena as ceroulas, e a bretanha dos lenços no subtil perfume do alho hortelão — perfume sadio, alegre, escorreito, fresco e honesto, concorrer aos diversos actos da vida com o fato correspondente á significação d'esses actos. Tomamos a liberdade de exemplificar, com alguns tipos, escolhidos no seio do grupo reformador, o graciosos da idéa.

Achamos adoravel que se vá aos touros, de toureiro; ás corridas, de jockey; aos amphitheatros anatomicos, de gato pingado; ás egrejas, de batina e volta; mas ha no meu espirito uma pequena duvida que peço á graciososa amabilidade de Magriço, haja por bem desfazer: quando eu sahir de minha casa para tomar banho no Tejo, devo ir vestido de linguado ou de bezugo? Devo levar escamas como o bacalhau, ou ir de corpinho bem feito, como a branca lula? Dizei-o vós, ó onze patriarchas do chic. O verão chega e a população espera. — Que pandegos!

Epistolas

(A PROPOSITO DA CARTA DO SR. VICENTE MONTEIRO)





VENCIDOS DA VIDA

Vencido ou vencedor sempre suppóz combate.
 Hoje não é assim. Rebenta um bonifrate
 De qualquer sitio obscuro, e põe-se de repente
 A clamar contra o céo, e contra o mundo e a gente,
 Como um Cortez, ou mais, como um Colombo, um homem,
 D'esses homens de pro! que impavidos consomem
 A sua vida inteira em luctas témerasas.

Chega o povo á janella, a vêr se já tem rosas,
 Que é mimo da estação, n'uns pobres alegretes,
 E vê os taes, os onze, a trescalar pivetes,
 Sem terem filiação em Marte ou em Minerva:
 Vencidos, como a flôr que não chegou a erva.

Diz o vulgo profano: «O' Deus, pois estes onze,
 «Estes varões de ferro, e de platina e bronze,
 «Estes onze d'hotel, estes que são vencidos,
 «Que jantam no Bragança uns ovos remechidos,
 «Pois são estes, Senhor, que vêm, dias a dias,
 «Sahindo da Havaneza a geito de Isais,
 «Bradar que o lôdo vil conspurca o mundo inteiro?...»

Ora, cêbo de grillo! E cança-se o padeiro!



O «TUNNEL» DA AVENIDA

A Comedia Portuguesa mereceu ao sr. Bartissol a amabilidade de um convite para ir aventurar-se pelo «tunnel» tenebroso, que teve artes de abalar, os alicerces da velha muralha de S. Pedro d'Alcantara e predios visinhos, em nome das necessidades sempre crescentes do Progresso (com letra maiuscula por homenagem á festa).

Que, a falar a verdade, os credits da tal muralha de ha muito que estavam abalados, mercê dos suicidios que ali deram pasto á tagarelice lisboeta e ás cabriolas arithmeticas da Estatistica, sempre prompta a deduzir de um sete e de uma

ou duas cifras uma grande lei dominadora dos phenomenos sociaes passados, presentes e futuros. E' esse o seu officio e não lhe queremos mal por isso...



Envergadas as nossas sobrecasacas das grandes solemnidades ao ar livre, fômos para Santa Apolonia.

Carros cheios como um ovo!

Em festa de borla parece que os convidados se multiplicam como os percevejos no estio. Era inevitavel a nossa retirada desairoza e a dobradela das nossas sobrecasacas.

Salvou-nos d'esse desastre o sympathico marquez da Foz que com o mais fidalgo e amavel sorriso que a fortuna pôde pôr no rosto de um seu dilecto, nos convidou a tomar logar no seu salão reservado.

A' medida que nos approximavamos do tunnel tenebroso crescia o terror nos nossos peitos como se pela vez primeira fossemos dobrar o cabo das tormentas. E como naturalmente mais se fala na morte quanto mais a receamos, imaginámos diversas blagues a respeito de sustos, aventuras e catastrophes que nos poderiam assaltar entre a prosaica Rabicha e a pimpante Avenida.



—Pela nossa parte, diziamos nós com o mais desprendido egoismo, desejaríamos que tudo ficasse espostejado nas entranhas do monstro voraz que se dispõe a engolir-nos, salvante nós e o nosso Julião Machado, bem entendido—.

E tudo a rir da blague sem deixar de sentir um arrepio a brincar pela espinha dorsal abaixo.

Pois se quem o tem, medo tem!

E as blagues sobre mortes e descarrilamentos fuzilavam-se mutuamente, a pontos do Albino Pimentel ter já a visão de uma catastrophe á americana, medonha, aterradora, pavorosa.

—O' Lisboa, dizia-nos elle com um ar de troça velado por um fingido mêdo, olha que eu... tenho seis filhos!—

Mãe Santissima que tal disseste ! Seis filhos ! Seis bocças a comer, a vestir, a calçar, a estudar para medico, para militar, para juiz municipal, para deputado, para presidente do conselho — pois que n'este paiz, todo o individuo de sexo masculino, pelo facto do seu nascimento, traz ao ver a luz do dia pela primeira vez, vinte probabilidades de pôr o pé em S Bento, mais tarde !—

E uns a darem parabens ao Albino, e outros os sentimentos, e outros vários conselhos sobre a amamentação mais sadia que se pôde garantir ás creanças.



Assim chegámos á Rabicha. Musicas, foguetes, varias edições destemperadas do estafado hymno da Carta, vivorio e alguns choviscos, e toca a entrar para a guela do monstro.

—Coragem, rapazes ! *Portuguezes somos ; do occidente imos buscando as terras... da Avenida.*

O Albino Pimentel rezou sete *Salve-Rainhas* por intenção dos seus queridos sete ausentes, e o *Credo* por sua propria conta e risco, e entrámos a tremer para a pança do minotauro. Os operarios, que nos wagonetes formavam o couce do prestito, e para quem o perigo é apenas um termo de lexicographia, estrondearam os ares com palmas e vivas.

Todos nos esquecemos de Santa Barbara e participámos da coragem d'esses obscuros mineiros, d'esses heroes do trabalho que põem inconscientemente a sua vida ao serviço das commodidades da civilisação, commodidades de que elles, em geral, são os menos participantes.



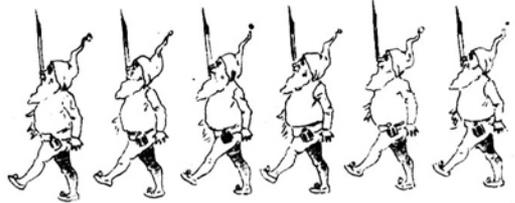
O monstro permittiu-se a liberdade de illuminar a sua pança com fogos de bengala, para varrer da nossa mente o temor da morte.

E' verdade que poderíamos ter morrido de fumo, no que talvez nos valesse as orações do Miguel Osorio, que tambem nos acompanhava... sem o drama. Escapámos de boa !

Novas palmas, novos foguetes, novo vivorio, nova edição do hymno da Carta :—estavamos, finalmente no Rocio. Estava desfeita a lenda tenel'osa do tunnel. D'ora avante pôdem os cautos portuguezes enfiar pelo Jonas que se estende do Rocio á Rabicha, com a certeza de que sahirão, ao cabo de trez... minutos, sãos e escorreitos, como hão mister. *Amen.*

O epilogo da festa, foi, como se pôde imaginar, umas garrafas de Champagne consumidas em brindes a Bartissol, ao marquez da Foz, e a varios benemeritos... da viação accelerada.

E fomos para casa com a consciencia de termos realisado um novo trabalho de Hercules, e com direito a uma commenda da Torre e Espada, se houver governo que esteja disposto a fazer justiça á nossa qualidade de heroes. A *Comedia Portugueza*, agradecendo a amabilidade com que a distinguiu o sr. marquez da Foz—pois se não fóra ella teria ficado a ver tunneis na estação de Santa Apollonia como muita gente vê os navios no Alto de Santa Catharina—saúddá os iniciadores do novo melhoramento, que vae cooperar na grande obra de tornar a macabuzia é mazorrall Lisboa n'uma cidade alegre e merecedora do titulo de civilisada.



FERREIRA DA SILVA



Uma verdadeira vocação artistica é a d'este intelligente e sympathico rapaz, que abandonou os bancos da Universidade para se dedicar á arte dramatica. E d'este facto resultou um grande beneficio para a scena portugueza, que encontrou n'elle um dos seus mais brilhantes ornamentos.

Ferreira da Silva é o verdadeiro typo do actor moderno. Solida illustração, grande intuição artistica, dizer natural e despretencioso, e comprehensão elevada de todos os os personagens que representa.

Na proxima segunda feira, 15 do corrente, reúne elle os seus amigos no theatro de D. Maria II, em festa artistica. Temos por dever o irmos lá todos prestar a nossa homenagem de sympathia e de admiração ao talentoso actor, na sua noite de festa, que tambem é de festa para os seus amigos.

A' actriz Guilhermina de Macedo, o poeta Brito cospe umas quintilhas, na noite do beneficio da mesma, segundo elle «dilecta filha de Talma».



De pé, senhores, saudae
De Talma a dilecta filha!

E mais abaixo:

Vêde o seu vulto gentil!
Do seu olhar scintillante,
Essa graça femiñil
Que nos seduz, provocante!
Vêde o seu vulto gentil!

A graça femiñil do olhar d'uma mulher!

Isto é o que se chama britar verso e imaginação. Em vista do entusiasmo do Brito, que quer todos de pé, o que nós temos a fazer, meus senhores, é pormo-nos de cócoras.

O poeta esqueceu-se de que estando n'esta posição o admirador, o idolo deve parecer mais alto.

Mudemos pois:

De cócoras, senhores, saudae
De Talma a filha dilecta

E' verdade que o poeta accrescenta:

Os vossos bravos soltas...

Perdão! esse verso é que não pode continuar, porque as saudações n'esta posição tem graves symptomas de ambiguidade phonica.

Ora pois sr. Brito!



Philantropia.

Os Estatutos do Club Herminio, na Serra da Estrella, vieram dizer-nos que um grupo de bons espiritos tenta fundar na mesma serra, uma ou mais casas destinadas á habitação dos tuberculosos.

Tem sido surpreendente os resultados obtidos n'aquelles paragens, por doentes affectos do terrivel mal. D'ahi a generosa idéa de facultar aos condemnados á consumpção da tísica, o meio de luctarem contra todos os effeitos do vulgar e cruel padecimento.

Não pode ser mais louvavel a caridosa idéa e abrimos no nosso jornal a secção destinada á inscripção de todos os que quizerem associar-se a tão generoso e humanitario intento, como socios contribuintes ou beneficores; isto é, ou querendo pagar uma mensalidade de 200 réis, ou querendo obsequiar com qualquer dadiva o progressivo incremento da associação.



Essa fina escultura aprimorada
Que a cidade contempla e que namora,
Eu trouxe-a ao colo em peqñina e loura,
Como se traz a flôr mais delicada.

A bôcca lhe bejei fina e rozada,
Ao affagar-lhe a trança vosadora,
Quando, alegre, feliz, eu astadôra,
Na carreira parava extenuada.

Como cresce depressa o provocante
A branca neve em còllo de creança!
Como lhe odeia o corpo triumphante!...

Bandido vil, ciume, diz ovante:
Bejei antes de ti aquella trança,
O' marido feliz, misero amante!

II

Oh! minha branca e loura companheira,
Minha garça gentil, meu colibri dourado,
Quem me arrancou teu corpo delicado,
Ave selvagem, minha dôr primeira!

Mais branco do que a flôr da larangeira,
Esse teu còllo por quem é bejado?
E, no teu bafo ardente e perfumado,
Quem se embebeda, é minha feticheira?!

Não poder esquecer-te! Em toda a parte
Te vejo e sinto: alcança-me o perfume
Da tua trança com exquisita arte!

Tudo o que vê minh'alma em ti resume!
Sei que te odeio sem deixar de amar-te!...
Que saudade esta minha... e que ciume!

Marcellino Mesquita.



Adolpho Sauvinet

Auctor da Flavia

Lucinda do Carmo



Adolpho Sauvinet é um amador musical dos mais distinctos que possuímos. Espirito cultivadíssimo, inspiração facil e espontanea, elle presta um fervoroso culto á sublima arte lyrica e cultivava-a com verdadeira paixão.

Estas considerações vêm a proposito da composição da sua opera, *Flavia*, cuja audição se fez no salão da Trindade, nos dias 14 e 15 do corrente, com geral agrado do publico, que dispensou a Adolpho Sauvinet os mais entusiasticos applausos.

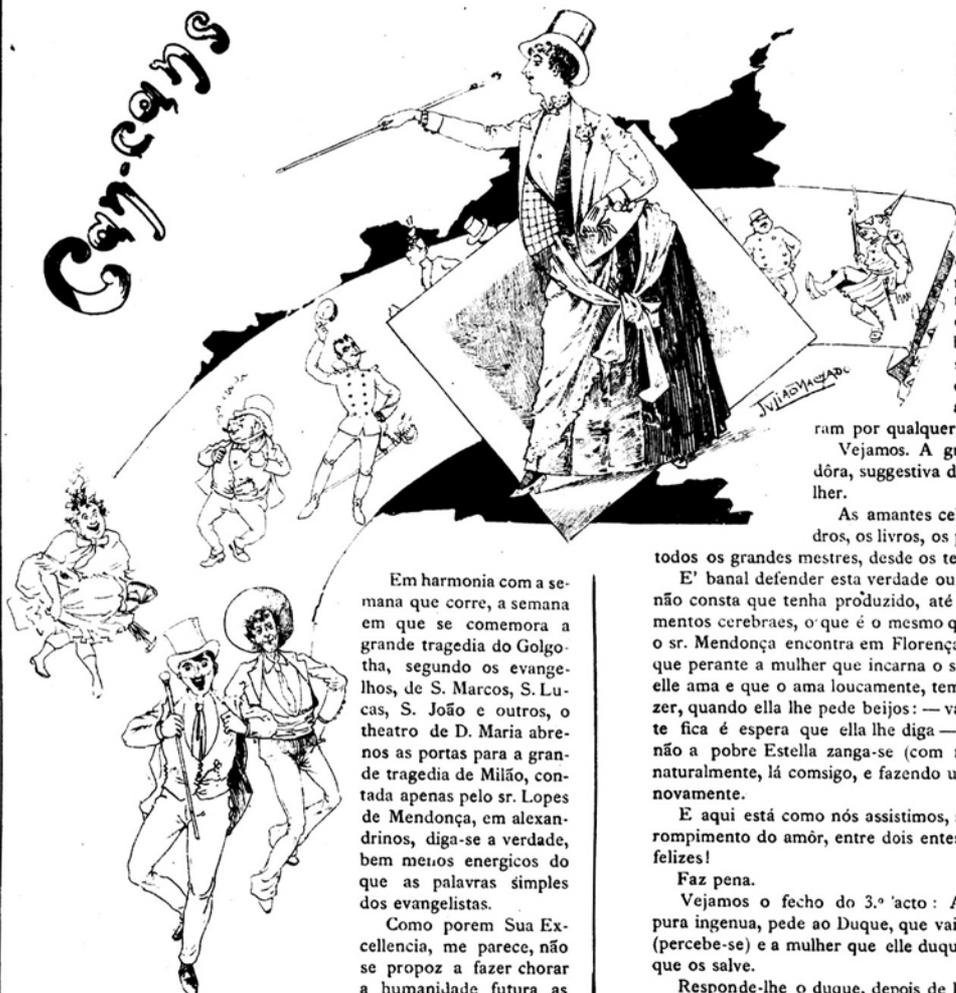
A *Comedia Portugueza*, associando-se a esses aplanos, felicita calorosamente o distincto maestro pela sua melódica composição, e presta-lhe n'este logar a homenagem que lhe é devida.

Lucinda do Carmo é hoje, inquestionavelmente, a nossa primeira actria d'opereta. Por isso, e em razão de se realisar brevemente a sua festa artistica, damos-lhe hoje este logar de honra prestado a elle devido ao seu formosissimo talento artistico.

A festa da distincta actria realisa-se no dia 24 do corrente, no theatro da Trindade, com a primeira representação da *Marquessinha*, traducção de Machado Correia.

Não faltarão n'essa noite os seus admiradores, que são muitos, e em cujo numero a redacção da *Comedia Portugueza* tem a honra de figurar.

Comedians



Em harmonia com a semana que corre, a semana em que se comemora a grande tragedia do Golgotha, segundo os evangelhos, de S. Marcos, S. Lucas, S. João e outros, o theatro de D. Maria abre-nos as portas para a grande tragedia de Milão, contada apenas pelo sr. Lopes de Mendonça, em alexandrinos, diga-se a verdade, bem meios energeticos do que as palavras simples dos evangelistas.

Como porem Sua Excellencia, me parece, não se propoz a fazer chorar a humanidade futura as desgraças do mestre escultor Franchino, como os apóstolos, sobre o cadaver do Divino Illustre, assenta-lhe a desculpa de ter vaziado em mais suaves moldes a vida e paixão do martyr florentino.

E assente este facto, que desculpa a bem morigerada mão de rédea com que o auctor contém o fogo do verso; nas grandes situações dramaticas, como nos cavacos amenos, conversemos um pouco sobre o evangelho, digo, sobre a tragedia do sr. Lopes de Mendonça.

Eu supponho que V. Ex.^{ta} viram a tragedia. Pelo facto de quasi tudo no theatro ser convencional, o scenário, a maneira de fallar, o gesto, a dicção, e ainda hoje se não poder, nem poderá nunca, assentar por detraz da ribalta o realismo crú da vida e das coisas, não me parece que se possa abolir de caso pensado, o respeito pela verdade, pela logica, e pela physiologia humana.

D'antes o auctor dramatico podia engendrar as mais estranhas situações, que em não mettendo divindade, na solução do nó, como dizia creio que Boileau, o publico ingénuo levantava-se nos bicos dos pés e inchava as mãos a applaudir.

E mesmo que mettesse divindades, o defeito era só para os mestres da critica, porque para os restantes a coisa estava em encontrar a situação dramatica, na terra no mar, no inferno, fosse onde fosse!

O auctor da Estatua parece venerar n'este ponto a antiguidade, d'uma maneira que fere profundamente a nossa serenidade de espectador e os traços geraes de philosophia positiva do sr. Theophilo Braga.

E' assim que em busca da situação que fecha os actos, o dramaturgo, manda ao demonio, verosimilhanças, naturalidades, logicas e outras bugigangas d'este jaez e se não mette divindades, deixa-nos acreditar que aquellas coisas se passaram por qualquer influencia sobrenatural. Vejamos. A grande força impulsional-dora, suggestiva de todo o artista é a mulher.

As amantes celebres, povoam os quadros, os livros, os poemas, os romances de todos os grandes mestres, desde os tempos mais remotos.

E' banal defender esta verdade ou citar nomes. A sodomia não consta que tenha produzido, até hoje, senão amollecimentos cerebraes, o que é o mesmo que produzir idiotas. Ora o sr. Mendonça encontra em Florença um escultor genial, que perante a mulher que incarna o seu ideal artistico, que elle ama e que o ama loucamente, tem o desplante de lhe dizer, quando ella lhe pede beijos: — vai-te vampiro! — A gente fica e espera que ella lhe diga — vampiro será elle; mas não a pobre Estella zanga-se (com razão) chama-lhe tolo, naturalmente, lá comsigo, e fazendo uma cara feia vai pousar novamente.

E aqui está como nós assistimos, sem mais nem mais, ao rompimento do amor, entre dois entes que podiam ser tão felizes!

Faz pena.

Vejamos o fecho do 3.^o acto: A menina Bianca, casta, pura ingenua, pede ao Duque, que vai mandar matar o irmão (percebe-se) e a mulher que elle duque ama (não se percebe) que os salve.

Responde-lhe o duque, depois de lhe deitar olhos gulosos e de sublinhar para Agolotto — é bem boa — sim menina; mas ha-de vir comigo. Ella pensa um-bocadito, e acha a coisa natural e... ella ahi vae!

O que imaginará aquella menina que o duque lhe vae fazer? Imaginará que vão brincar com as bonecas? A innocencia de Bianca aos vinte e tantos annos e a complacencia do mano escultor e para admirar, tanto em Milão, como em Florença!

Fim do 4.^o A população amotinada vae matar o escultor. Um do povo corre uma cortina que occulta a estatua e exclama: quem será capaz de matar o auctor d'este prodigio?

A população recúa. Que espantosa intuição artistica, que olho o da população italiana!

Diz-se que sim.

Quanto aos caracteres:

Aquelle duque é um duque como qualquer outro. Bonet de penna, pouco fundo, muita prosapia e sahdas de tyrano de comedia. O velho perceptor ousa chorar deante d'elle? mais quatro chibatadas. O auctor quiz dar a nota do requinte na crueldade do homem, tornou-o ridiculo.

João Rosa conserva-lhe a linha; sustenta-o.

O esculptor pelo que diz e faz ninguem é capaz de perceber que homem é.

No 1.º acto é um artista? concedamos.

No 2.º—um tolo declamador, banal?

No 3.º—um amante?

No 4.º—um patriota? um brioso?

No 5.º—um pulha? que ouve todas as propostas de Agolotto e que o não tenta matar, porque? ó pismo! porque elle lhe diz que traz cota de malha?

E' espontoso.

Mas afinal elle ama a mulher ou não? Se ama porque a repelle no 2.º acto? Se não? porque hesita em trocar a cendencia d'uma cortezã pela vida e honra da irmã?

Só começa a amar a mulher no 3.º acto?

Mysterios são estes que não ousou tentar decifrar.

Será um desorientado como todos os grandes artistas?

E' melhor mettel-o na classe.

Resta o caracter de Agolotto. Como caricatura, como *charge*, admite-se, como coisa real, viva, que anda cá pelo mundo, só um Ponson du Terrail.

Um homem a ranger os dentes e a arregalar os olhos, cinco actos atraz d'uma mulher, como um esfaimado perante um prato d'appetite—e hei de trincar lhe a carne, e hei de beber-lhe os olhos, e hei de comer-lhe o peito—oh! senhores já se sabe isso tudo—mas é no *Capitão Assassino*, no *Navio Infernal*, no *Castello dos Phantasmas*, mas em Milão?

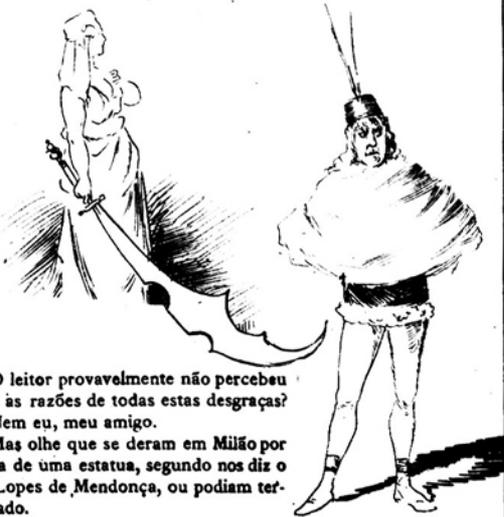
Só se é em Milão, onde ha artistas geniaes, que modelam deliciosamente mulheres, inspirando-se nas formas dos soldados da guarda! mas é só em Milão.

O auctor atirou-se aos mares da tragedia grega e viu-se grego.

Depois de se agarrar a todos os cachopos conhecidos do roteiro, marcados pelos navegadores de pulso, colloca-nos n'uma prisão, onde as meninas jazem, ninguem sabe porquê, e ahi a senhora Stella, (uma concubina) embirra de tal modo com Agolotto, que se apunhala para não ser abraçada por elle! Já é ter pudôr! Sim porque o Agolotto decerto se limitaria a isso, por então?

N'isto ouve-se na praça o ruido da execução do assassino do duque e lá vai o Franchino pela janella fóra a acompanhar-o na eterna viagem.

E' então que Bianca olhando o cadaver de Stella se lembra de sorrir, o que nos leva a supôr que como Hamengarda — a desgraçada tinha de feito enlouquecido!



O leitor provavelmente não percebeu bem as razões de todas estas desgraças?

Nem eu, meu amigo.

Mas olhe que se deram em Milão por causa de uma estatua, segundo nos diz o sr. Lopes de Mendonça, ou podiam ter-se dado.

Mas não; permita-me o illustre dramaturgo que proteste. Não temos pre-

dilecção especial por Milão a despeito do Escala e da Cathedral de tanta fama, mas respeitamos muito o povo italiano para permitir que se lhe attribuem acções de tanta responsabilidade perante o bom senso. Aquillo não se deu nunca, nem podia dar-se.

Nenhum grande artista expulsa a mulher que ama, como nenhum duque ou barão mandou, até hoje, matar a mulher amada. Alguns teem nas morto ellas; isso é differente.

Nenhuma menina segue duques, como quem segue um curso de ensino livre, em que não ha receio de ser chamada á licção. Nunca houve povo, em revolução, que parassem deante de uma estatua que não fosse para a quebrar, em regra.

Aquelle Agolotto, baço Yago, desdobrado em prisioneiro da Perichole — o dos 15 annos! — só se pode admitir com o competente antagonista, um Gabriel qualquer, o anjo do bem, um José do Egypto, que no final da peça o metta pelas entranhas da terra, aos pontapés, com fogos de bengala. D'outro modo não; está deslocado—é do Rocamboles.

Eis as razões do nosso protesto.



A politica fornece-nos esta semana um curioso thema de riso. Depois de fazer embuchar, definitivamente o sr. Vilhena com o discurso que sua excellencia tinha entre dentes, havia 3 mezes, para responder ao discurso da corôa, resolve fazer engulir por oito dias o discurso do sr. Pinheiro Chagas, em resposta ao sr. Marianno de Carvalho.

Este systema é novo e não deixa de ter uma certa originalidade graciosas.

E não menos graciosa a desculpa dos jornaes do governo, perante a ausencia dos deputados, da camara onde tinham obrigação de estar. Disseram elles— que tinham ido visitar as familias—. Realmente nada mais justo, depois de tão longa ausencia.

E nada mais natural do que, no momento em que se discutem graves questões, em que se pergunta aos legisladores do paiz qual a sua opinião sobre a applicação de grossas sommas, em que se lhes pede uma seria sentença sobre a honra do governo, nada mais natural do que explicar a sua ausencia pela necessidade de comer amendoas, no seio da familia.

Isto é um paiz em que os deputados comem amendoas, e os eleitores comem... a questão é saber-lh'a dar.



Semana Santa

(NOTAS SOLTAS)



Visitando egrejas.—Amôr divino e amor profano.



Amendoa amarga



Amendoa torrada.—s. f.—Agulha para enfiar garrafas—(Vide Roquette).



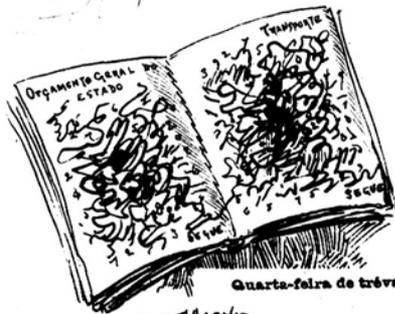
A praga das amendoas



—Desculpe a demora...
—Alleluia!



Resurrexit, non est hie



Quarta-feira de trévas

JULIÃO MACHADO



—Peço a V. Ex.ª o favor de me consentir esta liberdade!
—Oh! meu amigo, que gracioso! Parece a estação dos caminhos de ferro, do largo do Camões.
—E' do mesmo estylo!

EM SEXTA FEIRA SANTA.



— QUANDO A DIVINDADE SUCCUMBE, QUE LHE IMPORTA QUE A HUMANIDADE CAMPALEIE?...



EMMA OTERO

Premiada no concurso de belleza em Nice. Apareceu em exposição de fôrmas e de voz, no theatro da Avenida. A respeito de voz é de uma pobreza franciscana. Em rosto, era inferior, no dia do debute, á maioria das damas que estavam nos camarotes. Das restantes fôrmas não podemos naturalmente estabelecer a comparação.

Não foi feliz D. Emma. Apareça para o anno e chame-se Agar. Talvez tenha melhor successo.



izeram-se as corridas da primavera e foram simplesmente desoladoras.

A boa vontade do Turf quando consegue vencer a indiferença do nosso temperamento pelo espectáculo maravilhoso de quatro cavallos a correr á desfilada, esbarra com a má vontade do bom Deus que lhe encharca, sem misericordia, a pista, as orelhas dos cavallos e as camisolas dos jockeys.

As corridas só se comprehendem como pretexto para ostentação de grandezas de luxo, de elegancia. Reunião de mulheres bonitas; onde se ame e onde se namore; onde se converse alegremente, em pleno dia e pleno sol, onde se faça, enfim, alguma coisa de alheio a este viver massadôr de todos os dias, desde o levantar ao deitar, com escala pelo almoço, pelo jantar e pela ceia.

Sempre que as corridas não sejam o pretexto para a grande exposição de mulheres, do grande mundo, do mundo onde a gente se diverte e do mundo burguez endinheirado e enfi-

dalgado; sempre que não sirvam para fazer apparecer as grandes equipagens, justificar as grandes apostas, e fazer despejar umas milhares de garrafas de Champagne, as corridas não tem razão de ser e constituem o mais massadôr dos espectaculos, mil vezes inferior ao d'uma corrida de lebres, ou ao da conducção d'um curro para nova pastagem ou para qualquer praça.

Quanto ao apuramento das raças cavallares achamos bom empenho, mas decerto menos preciso do que o apuramento da raça portugueza, que nos parece estar n'um periodo de degeneração deveras lamentavel.



As mulheres verdadeiramente bellas são raras entre nós e quanto á organisação geral, á riqueza muscular e sanguinea, entramos n'um pauperismo assustadôr, sobre que a nevrose, o rachitismo e a escrofula dançam o can-can esgrouviado da victoria.

Tristes, as corridas. Poucas mulheres, pouco sol, pouca vida. A chuva miúda açoutando rostos, esfriando enthusiasmos.



Raras equipagens dignas de nota. Uma concorrência miníma. Um hortelão pasmado, uma lavadeira que passou e ás vezes uma cabeça gentil que espreita, com enfado, o ressaltar da lama, pelo vidro espelhado do coupé.

Nada de Champagne. Festa pacata, em familia, festa de pessoas sérias, de bons costumes, em harmonia com o tempo santo



UMA SUPPLICA

Senhor presidente da camara dos deputados !

Vossa Excellencia não ignora, de certo, que foi o publico, esse importuno, quem lhe abriu e aos seus collegas as portas d'essa casa, e quem ahi os accomodou, senão com luxo, ao menos muito confortavelmente, e quem enfim lhes paga os tres mil e tantos réis diarios por cabeça.

Mas o que V. Ex.ª por força ignora é a maneira bem pouco amavel por que o tal publico e a sua imprensa são tratados n'essa casa, e as rudes inclemencias porque tem de passar quando se lembra de ir vér um pouco o que os seus eleitos ahi fazem.

Vamos dizer-lh'o.

Quem quer assistir a uma sessão da camara dos srs. deputados, ou tem ou não tem relações e *empenhos* para obter um bilhete. Se não tem, vae para a galeria publica. Para isso tem que esperar na rua, na *sala dos cães*, que lhe abram a porta, e depois subir de roldão, acotovellando e atropellando o mais que poder, afim de obter um logar.

Se tem relações — esses são bem felizes — começa por empregar as diligencias necessarias e nem sempre faceis para alcançar um bilhete. Obtida essa primeira mercê, vae para a escada — já não fica na rua — e submete-se alli, durante uma hora ou mais, a uma pressão medonha, com dois soldados na frente, e sob as risadas zombeteiras dos continuos, que por detraz dos vidros d'uma porta fechada se divertem com as visagens afflictivas d'aquelle rebanho esmagado.



Aberta enfim a sessão, abre-se tambem a porta, e ahi irrompe a multidão n'uma desordem furiosa e louca, na ancia de alcançar um logar na frente, em que possa sentar-se e tomar o folego. Aquillo só visto; mas V. Ex.ª não pode vê-lo.

Mas enfim, depois de taes torturas, esse pobre publico conseguiu o que desejava ?

Depois de taes torturas, o publico entra triumphante e esbaforido nas galerias, a que o seu bilhete lhe dá ingresso, e encontra commodamente sentados nos logares da frente uma fila completa de sujeitos inclassificaveis, que cheiram uns a policias desfarçados, outros a creados de cavallariças, etc.; e gosa assim o publico, *post tot tantosque labores*, a ineffavel ventura de assistir á sessão de pé, tendo na sua frente aquellas creaturas sentadas, que entraram por uma porta privilegiada, e que accrescentam notavelmente a solemnidade do acto com o seu resonar sonoro e largo.

Aqui está o que succede, senhor presidente.

Não parecerá a V. Ex.ª que ha em tudo isto um tudo nada de abuso ?



Não lhe parecerá que não haveria excesso nem desatenção do publico para com os seus augustos representantes, se reclamasse de V. Ex.ª um pouco mais de consideração, um pouco menos de tortura ?

Porque se não deixa entrar o publico logo que se apresente munido dos seus bilhetes, como se faz na camara dos pares ? Será para que elle não tire o logar áquellas creaturas mal cheirosas, que não podem ir mais cedo ?

Senhor presidente, tenha piedade de nós !



Esta habilissima florista não faltou com o seu concurso á reunião do *big-life* nas corridas do hypodromb de Belem. Lá estava com a sua bella *table de fleurs* bastante sortida de *bouquets* para as lapellas dos cavalheiros e *corsages* das damas.

Fôï amavelmente recebida por S. M. a Rainha e pelo principe D. Carlos, a quem offerceu lindissimos ramos de flores.



Juliana de Azevedo



ABRIL

Vê, amada, a primavera
Que extravagante! que louca!
Como formosa chimera,
Sahida da tua bocca!

Vamos, sós, pelos caminhos,
Entre os vallados vigosos,
Ouvir, á beira dos ainhos,
Os rouxineos amorosos!

Tudo renasca na terra,
Eterna noiva, garrida...
Assim brotassem, no peito,
Por força desconhecida:
Os sonhos, as illusões,
Da primavera da vida!

M. M.



Accuzamos, agradecendo, a recepção do livro de versos de João Diniz, com o titulo de *Aquarellas*. Fallaremos de espaço no proximo numero.

Recebemos ainda o primeiro numero da *Semana Litteraria* e o prospecto da *Mã Lingua*: jornal hebdomadario que Barros Lobo, vae publicar e d'onde destacamos algumas palavras da sua profissão de fé.

—«Existe um vicio fundamental do nosso modo de ser em litteratura, em arte, em politica, em tudo :—é a subtil distincção de cathogorias entre o que se pensa, o que se diz, e o que se escreve. Ninguem diz o que pensa; ninguem escreve o que diz. Vicio com gestos de virtude, repousando sobre um principio de conveniencia propria e querendo justificar-se com a desculpa da conveniencia alheia,—essa distincção corrompe na medulla o sentimento da justiça, e prepara uma sociedade para um combate pela existencia, sem treguas, sem coração, sem dignidade. A infracção d'aquelle convencionalismo constitue a —*mã lingua*. A *mã lingua* é uma forma especial da maledicencia, consistindo em nivelar o que se diz com o que se pensa, e o que se escreve com o que se diz. Faz-se as mezas dos cafés, nos conciliabulos intimos, entre dois ou tres amigos, com olhaduras de precaução em tôrno : —que não vá algum creado ouvir!... Mas essa é a *mã lingua* oral; uma coisa de puro desfastio, as vezes perfumada de *chartreuse*, esteril e platónico. A *mã lingua* escripta, na despreoccupaçãe de quem simplesmente a murmurasse ao demonio familiar que todos nós temos no fundo do nosso craneo, pela calada da noite, emquanto que á nossa cabeceira palpita, — rumor unico — o pulso metallico do Tempo nas engrenagens do nosso relógio ; — a *mã lingua* que não escolhe confidentes nem evita responsabilidades' nunca se faz senão ás horas historicas em que se precipita o desmuronamento de uma sociedade carcomida, e manifesta-se pelas memorias posthumas, pelo pamphleto, ou pelo pasquim; mas tem sempre um character irregular ou clandestino de guerrilha, amedrontada de um uma bala perdida, cozendo-se com a sombra e apoiando se com emphase na solemnidade de um principio de interesse publico—».

Esperamos com verdadeiro interesse a prova colorida e vibrante do nosso collega.

Gottas de Chipre. Os n.º 11 e 12. Comprehendem ambos os volumes um conto de Mascellino Mesquita—A Berlinda.



W. H. H. H. H.

OS FANTOCHES



Thomas Holden

Can-can



O nosso grande refugio é a politica.

Rabisca-se por aqui e por acolá uma novidade, um assumpto palpitante, e infelizmente a ceára foi de tal modo ceifada, que o respigador não acha onde demorar a vista, ou d'onde possa arrancar um ridiculo.

O parlamento esse não: é o *semper vivens* da comedia.

Entra-se n'aquella caza como quem vai a um espectáculo de prestidigitación, ou a uma sessão de fantocheria de Holden.

Como nos cartazes das esquinas, annuncia-se a grande magica da *Discussão de tal e tal assumpto*. Haverá a grande saraivada das imprecacões, marchas e contra-marchas, còros, bail-dos e larachas varias, rematando tudo pelo quadro de grande effeito — a queda do governo ou o *triumpho da virtude*.

Afinal vae o publico, atrahido, piza-se nas galerias, arregala os olhos ao abrir do espectáculo, e, como n'aquella scena do macaco que mostrava a lanterna magica, não consegue ver coisa alguma que preste.

Os cortejos vestem-se n'um guarda roupa de ha 50 annos; os bailarinos estão estropiados, cheios de carmin e de pastas embelezadoras; os galãs cançados, velhos, tem o gesto estropiado, a voz roufenha, o trejeito comico.

O quadro final é um quadro dissolvente, que apparece ao longe, e ninguem é capaz de fixar.

E rethorica, bombas, tropos, murros, graças, esguichos de sapiencia, tudo vai por agua abaixo, sumido n'uma atmosphera de enjão, de artificio, que causa dô, replección, nojo.

Dentro em pouco o theatro da representação nacional dá em droga e tem de se arregimentar para figurarem ao lado dos policias, os mais ferrenhos politicos da situação actual, as amas de leite e os soldados sem graduacão! Estará bem assim.

Diz um jornal.
Fugiu de Rilhafolles para a cidade, o doido José Luiz.

Tem graça a noticia. E' para cautella, ou como prevençãõ contra o encontro do homem? Quem será capaz de o conhecer se não fôr pelo fato? Parece que cá por fóra não ha o triplo dos que estão lá dentro.

Para nos dar - mos ares de pessõas de rectos costumes, inaugurá - mos um congresso juridico.

Dizem que tem sido bom, aquillo. Conversa-se bem, bella sociedade, homens de talento e no final um *lunch* para desentupir a garganta d'algun fragmento de artigo que tenha ficado preso nos gorgomillos.

Este *lunch* paga-o o governo. O nosso bom governo para estas coisas é d'uma generosidade que commove. E' o governo dos direitos. Veja-se a questãõ do padroado, a questãõ de Marrocos, a questãõ africana.

Nada fica torto n'este paiz depois d'este consulado; nem elles mesmos, os consules.

Este congresso feito á porta fechada para a Hespanha e Portugal, não deixa de ter os seus laivos de conferencia secreta. E' preciso mandar para lá policias á paisana, não seja o demonio que, no fundo, em vez d'um codigo de jurisprudencia nos saia d'elli um manifesto iberico.

Mas que luxo! um congresso juridico em Lisboa!



Consta que vão ser mostrados aos congressistas diversos processos celebres. bem como o palacio da justiça para resolverem, cemo se diz na Revista, qual d'elles precisa mais limpeza!

O que é certo é que as deiziões do congresso comecam a revolucionar profundamente o seio das familias.

Porque o congresso assentou:

1.º—«Que os filhos adulterinos, concebidos depois da separação judicial, devem ser perfilhados para gozarem dos mesmos direitos dos filhos legitimis;

2.º—«Que elles poderão usar da investigação da paternidade, nas mesmas condições em que actualmente os filhos perfilháveis.»

Imagemem v. ex.º um filho adulterino á procura do pai. Que trabalhos terá de passar este desgraçado, para descobrir o auctor dos seus dias, quando, na maioria dos casos, nem a propria mãe lh'o poderá indicar!

Que rico direito!

Com estas e outras não somenos conclusões é que Portugal se dá o gostinho de fazer tremer a Europa nòs seus fundamentos.

Só falta discutir ainda um artigo, que pedimos ao sr. Pinto Coelho que não esqueça:

Art.º unico. Quem tem um contador e paga a agua que consome tem ou não o direito de ter agua em casa?

Parece nos que este ponto era mais pratico do que a dos filhos adulterinos, a quem ninguem até hoje negou o direito de comprimentar e de ceiar com a familia, quanto mais o de procurar o pae.



Ha mais de tres secufos, — não precisamos, para não errar, — que um viajante illustre nos indicou á Europa como o mais triste modelo de povos melancolicos até ao funebre; e d'ahi para cá todos os nossos visitantes, especializando a amavel sexagenaria Maria Rattazzj, teem divulgado a nossa feição mysantropica e os nossos instinctos de gato pingado. A couza chegou ao ponto de, lá fóra, quando um riso irreprimivel se apodera de um individuo, chegar se-lhe ao ouvido esta phrase lamentavel: — «Lembra-te de Portugal!» E o riso expira de subito nas fauces do patusco e as lagrimas reventam de chofre. Triste couza!

Foi esta reputação de embezzrados que nos ultimos dias levou Sua Santidade, Leão xii, a conceder um ar de sua graça ás patricias de D. Guiomar. Muito lido em farfalhices, o Papa conhece de perto, pelo cheiro, o que de melhor se tem produzido n'este alfobre de Possidionios e de vencidos da vida. — Que diabo de gente tão triste! exclamou o vigario de Christo. — Que farfalhices tão lamuriantes! Que funereas patuscas!



Foi n'este ponto das meditações pontificias que Vicente, patriarcha latino de Jerusalem, teve com Sua Santidade uma conferencia muito intima, da qual saiu um decreto de Leão xii, que principia assim:

«— O nosso veneravel irmão Vicente, Patriarcha latino de Jerusalem, Nos expoz que o seu antecessor tinha promettido com o consentimento do Papa Pio ix, de feliz memoria, conferir ás mulheres a dignidade e as insignias da ordem de cavallaria do Santo Sepulchro, até então reservada aos homens.»

Por indiscrições de Vicente sabe-se que o primitivo plano consistia em dispensar as insignias de Santo Sepulchro ás damas portuguezas, exclusivamente. Mas sobrevieram razões de estado — e a concessão do funereo distinctivo generalizou-se. E' assim que a nossa portentosa collega D. Guiomar Torrezão, cavalleira do Santo Sepulchro, mais dia menos dia terá de vér ao seu lado, cavalgando, ahi por essa Avenida em fóra, a gentil Emma Otero, apeteçivel e funesta aos infieis. Na bahia de Cascaes as naus esperam com o pavilhão da cruz espetado no tope e o bailio de Malta dá ordens no tombadilho, apalpando no coz das calças — oh anachronismo! — a carta de prego, ou de parafuso, que é mais seguro.



Foram convidados os congressistas para uma *soirée* no ministerio dos estrangeiros, pelo sr. ministro da justiça.

Houve *whist*; chá, bolos e conversa animada.

O sr. Beirão é realmente um homem de idéas extraordinarias. Depois de nos arranjar o codigo commercial pretende iniciar entre nós o codigo de bom-tom em que as recepções tenham o caracter de gabinetes anatomicos sobre cuja porta de entrada se leia: — Entrada só para homens.



Em nome da moralidade pedimos á policia que obste de futuro a estas reuniões nocturnas em que o sexo fragil é abolido. Hoje que a mulher pretende levantar ao nivel da do homem a esphera da sua acção, entre nós o sr. patriarcha prohibe-as que cantem nas egrejas, e o sr. Beirão que dancem nas *soirées*.

Todos sabem como excita a atmospheria quente d'um sa-rau, o brilho e o calor das luzes, o alcool dos vinhos!

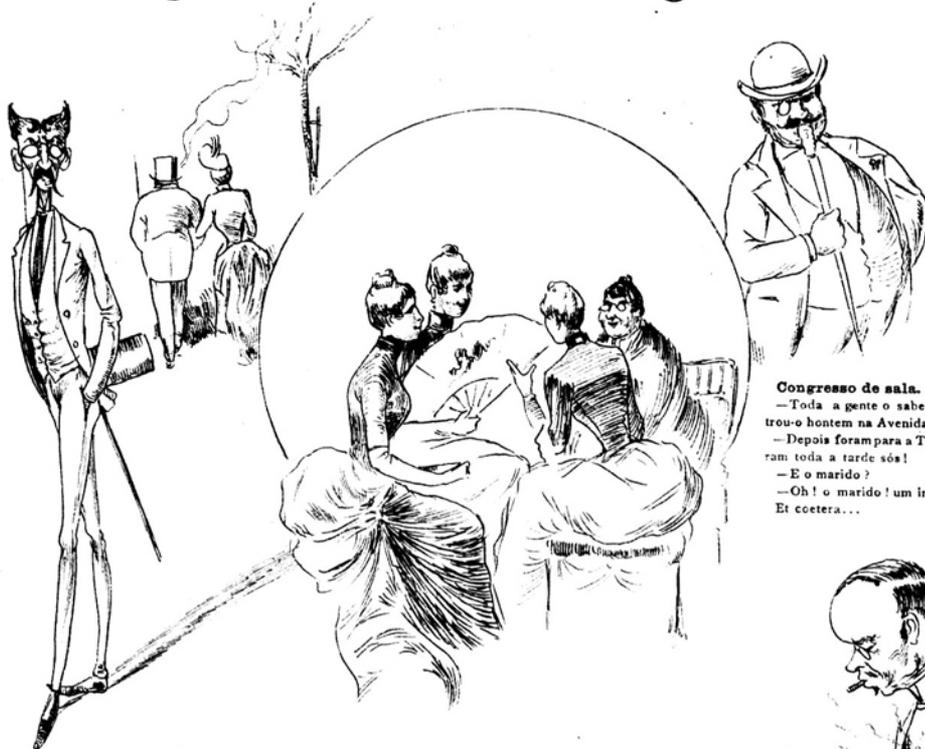
Quererá alguém persuadir-me de que a conversa na recepção do sr. ministro, t.ve sempre a moderação d'um officio funebre, a nota grave d'uma discussão parlamentar entre nós?

Por Deus que o não acreditarei! e se echoaram por aquellas salas frases d'amor, soluços comprimidos... em nome da moralidade, sr. commissario de policia, prohiba aquellos ajuntamentos, ainda que o sr. ministro ou alguns convidados se resolvam por respeito á tradiçáo, a vestir de «rose pale», com «traine de velludo fraise ecrasé», chapim de odalisca e «aigrette» azul nas pópas.

Ainda assim, prohiba.



Congressos e congressistas



Congresso de sala.

— Toda a gente o sabe. A baroneza encontrou-o hontem na Avenida.
 — Depois foram para a Tapada, onde passei-ram toda a tarde sós!
 — E o marido?
 — Oh! o marido! um imbecil!
 Et coetera...

O apologista do divórcio.
 Levou-o a esta opinião um lustro de ininterrupta felicidade conjugal!



VT

Congressos políticos.
Regenerator. Está quasi em terra o governo nefasto! Agonisa o misero! A sua ultima medida é sua tondemnação!

(Apoiados)



Progressista. A ultima resolução do governo, consolida-o, no poder, por largos annos. A patria pode dormir dscauçada, o nosso partido é a sentinella vigilante, o guarda nocturno, da sua honra!

(Apoiados)



Republicano. A maré sobe! A podrizão alastra! Aproxima-se a hora dos grandes triumphos. Cidadãos, aleia! (Apoiados)

BANCO DE PORTUGAL

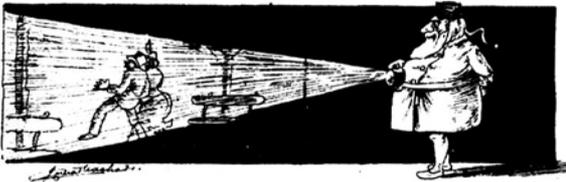


Fica abolido o direito da propriedade.



J. V. M. M. M.

A congressista.
O divorcio ataca profundamente a liberdade feminina, sr. presidente!
Sabe v. ex.ª o que é ter um editor respon-
savel?



Uma das secções mais interessantes do *Diário de Notícias* é a que tem por fim elucidar os forasteiros sobre as *Cousas que ha para ver em Portugal*.

Na segunda-feira passada, por signal, fornecia o hom collega umas indicações que devem atrair copioso numero de *touristes* avidos de sensações novas. Vejam e pasmem:

«Fonte da Horta Navia»

«Os moradores de Alcantara, e sitio de Santos estavam na antiga posse de se servirem da agua d'esta fonte, de cujo terreno era directo Senhor o Mosteiro das Commendeiras de Santos.

«Em 1514 sendo emphiteuta um Pero Anes, este não só desmanchou a dita Fonte, mas até pertendia tapar o caminho que a ella conduzia; o que deu logar ao Procurador da Cidade, Estevão Gonçalves, fazer seu requerimento para que fosse citado o dito Pero Anes, o Senado assim o mandou; e a Pero de Lisboa, que em vista d'aquella petição, tirasse dez ou doze testemunhas para poder deliberar.

Pelo visto, ha 375 annos que o Pero Anes desmanchou a fonte, e o *Diário de Noticias* considera-a, voividos quatro seculos, aproximadamente, uma das cousas que ha para vér em Portugal.

Olho aberto, forasteiros! A questão é de olho e de vontade! *E homy soit qui mal y pense!*



MUITO OBRIGADO!

Senhor presidente da camara dos deputados:

A *Comedia Portugueza* vem hoje mui respeitadamente agradecer a v. ex.^a a promptidão com que se dignou attender á supplica, que aqui lhe endereçámos no nosso numero anterior, para que fizesse acabar as torturas, que se inflingiam no parlamento, ao publico que ali vae, uma vez cu outra, ver o que fazem os seus representantes.

V. ex.^a comprehendeu emfim que esse publico tinha um certo direito a exigir que o não fizessem esperar na escada, sob uma pressão medonha, até que se abrisse a sessão, com risco de suffocações mortaes ou de uma baldeação desastrosa, e ordenou que elle podesse entrar para os corredores das galerias, onde já mais commodamente aguarda a hora em que os seus preclaros eleitos se dignam continuar a sua ardua tarefa de zelar os interesses da patria... e outros.

Em nome, pois, d'esses pobres torturados durante tantos annos, a *Comedia Portugueza* agradece a v. ex.^a a sua misericordiosa piedade, consignando gostosamente o facto de apparecer emfim um presidente da camara dos serhores deputados que se lembrou de ser amavel para com o publico — eleitor e contribuinte — quando este se lembra de ir presenciar a maneira como os seus augustos representantes fiscalisam os actos da publica administração.

Muito obrigado! sr. presidente. Muito obrigadinho!

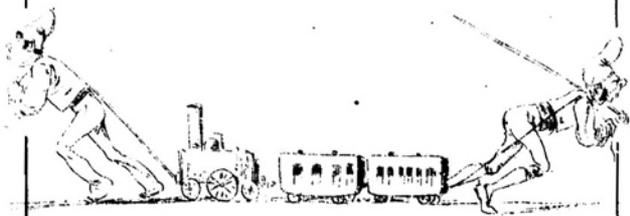
POR, PIEDADE!

E' uma verdadeira *travessia africana* a viagem, pelas antigas estradas, de Beja a Faro. Leguas de charneca, percorridas em reles tipoiás ou em pesados churriões, é a perspectiva pouco animadora que se offerece ao-pobre do viajante, quando este não prefere o choutear d'algum miseravel onagro, que lhe põe os ossos n'um feixe. Chegando a Mertola, no fim de umas boas dez horas de atroz supplicio, aguarda-se que a sr.^a D. Maré permitta o percurso do Guadiana, n'um *calhambeque* prestes a desfazer-se ao mais pequeno embate de alguma vaga insubmissa e menos respeitosa pela vida dos pobres aventureiros d'aquelle ousado empreendimento. Desembarca-se em Villa Real, ainda mal refeito de sustos e enjões do *passeio* maritimo, e toca outra vez no bello do churrião ou a *caburro*, para concluir a tortura. até á capital do Algarve!



O caminho de ferro acaba com este supplicio; mas, segundo lemos nas gazetas, não ha meio de o fazer abrir á circulação publica — tão grande é a opposição dos *interesses feridos* por esse importante melhoramento. Ha muito que a via ferrea está concluida; não ha parcella de má vontade por parte do ministro e do respectivo engenheiro; mas o comboio não marcha... porque é maior a *força* dos que o pucham para traz.

Por piedade! meus senhores! Mandem ao diabo os burros e os churriões e abram passagem ao vapor! E' uma questão de progresso e... de humanidade!





D. Maria.—Continúa em scena a *Estatua*, do sr. Lopes de Mendonça.

Brevemente a festa artistica de Baptista Machado com a *première* da comedia *A felicidade conjugal*, traduzida pela sr.^a D. Guiomar Torrezão. N'esta comedia estreia-se uma nova actriz, a sr.^a D. Augusta Bresd'ind, no papel de *Irma*. E' uma debutante esperançosa, attenta a sua notavel vocação artistica.

Gymnasio.—Duas comedias novas fazem agora as delicias dos frequentadores d'este theatro.—O sr. *governador* e as *Ferias do casamento*—a primeira traduzida por Leopoldo de Carvalho e a segunda por Gervasio Lobato.

Trindade.—Foi immensamente concorrida a festa de Lucinda do Carmo, na noite de 24 do corrente. Representou-se a *Marquesinha*, traducção de Machado Correia, que agradou bastante, sendo muito victoridada a sympathica e talentosa Lucinda, a rainha da festa.

Rua dos Condes.—O *Tim-tim por tim-tim* continua a atrahir consideraveis enchentes ao theatro e successivas ovações á gentil Pepa.

Avenida.—Emma Otero é a *great-attraction* d'este theatro, onde trabalha uma rasoavel companhia de *zarzuela*, com agrado publico.

Collisen.—A *fantochada* é aqui o espectáculo predominante. Bom trabalho e esplendidas vistas.



Concertos mustoas.—Amanhã, domingo, á 1 hora da tarde realisa-se uma *matinée* promovida pela «Real Academia de Amadores de Musica» no salão da mesma Academia. Nos dias 4 e 6 do proximo mez de maio, ás oito e meia horas da noite, realisar-se-hão as duas audições do concerto, que esta benemerita associação costuma levar a effeito em diferentes mezes do anno.

Agradecemos o amavel convite com que fomos brindados.



Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

Um governo de oosaaos.—E' um pamphleto escripto em tom azedo, no qual o seu auctor, o sr. José Bonança, qualifica de roubo, diffamação e assassinato o systema de governo erigido pelo ministerio progressista.

Esta violenta classificação vem a proposito de umas perseguições que o sr. José Bonança, conductor d'obras publicas, declara ter soffrido por se recusar a sancconar o pagamento de folhas de trabalhos que se não executaram.

A somana litteraria.—Publicado o n.º 2, que entre outros assumptos insere uma esplendida critica de Silva Pinto a respeito da *Estatua*, o novo drama em verso do sr. Lopes de Mendonça.

Critica brilhante na fórma e justa na essencia.

Gottas de Chypre.—Já appareceram os n.º 13 e 14, inserindo um poemeto de Campoamor—*A orgia da Innocencia*, — traducção em verso de Luiz da Silva, e um conto original de Abel Acacio—*O Grito*—. Brevemente as capas de tão interessante publicação serão illustradas por Julião Machado.



Aos nossos assignantes da provincia

Prevenimos estes nossos assignantes de que já estão nas estações do correio das suas localidades, ou das mais proximas, os recibos das suas assignaturas, relativos ao 2.º semestre uns, e outros ao 3.º trimestre do primeiro anno da — *Comedia Portuguesa*.

Pedimo-lhes portanto o favor da brevidade no respectivo pagamento, não só para a boa regularidade do nosso expediente administrativo, como para que não soffram interrupção na remessa do jornal.



Stella

STELLA... REFUGIUM... SALUS...

Não sei como chamar-te, ó formosura
Que em sonhos vejo e adoro, noite e dia!
E's talvez Marion... Talvez Maria...
Um genio má... talvez uma alma pura.

Talvez! Este anciar que me tortura,
Religião das horas de agonia,
Lembra uma campa, — no intimo vazia,
P or fóra — os sette sellos da Escriptura.

Nevoa da tarde, purpura da aurora,
Sonho que opprime, unção que revigora,
Vertigem do infinito, aneio eterno,

Apostrophe suspensa, irrespondível,
Anjo talvez... talvez um impossivel...
Mas eu quero-te assim, d'licido inferno!

*

Quero-te assim. Minh'alma ingenua, e nua
(De crenças, não!) do amor que lhe roubaram,
Vem, fugida das mãos que a profanaram,
Diser-te afflicta: Sonho meu, sou tua!

Não sei contar-te que designio actúa
Nos vencidos que Amor nunca encontraram:
Pythonissas cruéis os malfadaram,
Sob as vistas de Deus, que os perpetúa.

Risos? Antes assim. Tudo consola.
Aos que partilham da medonha herança,
Um sorriso de dó é farta esmola.

Sorriste... Eu volto á minha soledade.
Que escura noite sobre mim avança!
Nunca te eu presentisse, ó Claridade!

NARCISO DE LACERDA.